

Brasil cai no ranking mundial de competitividade

Competitividade

Ranking mundial, 1999

1999	1998	País	Índice 1999	Índice 1998
1	(1)	Cingapura	2,12	(2,16)
2	(3)	Estados Unidos	1,58	(1,41)
3	(2)	Hong Cong	1,41	(1,91)
4	(6)	Taiwan	1,38	(1,19)
5	(5)	Canadá	1,33	(1,27)
6	(8)	Suíça	1,27	(1,10)
7	(10)	Luxemburgo	1,25	(1,05)
8	(4)	Reino Unido	1,17	(1,29)
9	(7)	Holanda	1,13	(1,13)
10	(11)	Irlanda	1,11	(1,05)
11	(15)	Finlândia	1,11	(0,70)
12	(14)	Austrália	1,04	(0,79)
13	(13)	Nova Zelândia	1,01	(0,84)
14	(12)	Japão	1,00	(0,97)
15	(9)	Noruega	0,92	(1,09)
21	(18)	Chile	0,57	(0,57)
22	(19)	Coréia	0,46	(0,39)
25	(24)	Alemanha	0,39	(0,15)
26	(25)	Espanha	0,37	(0,02)
30	(21)	Tailândia	-0,10	(0,27)
31	(32)	México	-0,20	(-0,23)
32	(28)	China	-0,27	(-0,15)
36	(37)	Peru	-0,37	(-0,50)
42	(36)	Argentina	-0,65	(-0,48)
50	(45)	Venezuela	-1,09	(-0,98)
51	(46)	Brasil	-1,20	(-1,10)
52	(50)	Índia	-1,30	(-1,61)

Análise do Fórum Econômico Mundial, que leva em conta fatores como os investimentos em infra-estrutura e a sofisticação dos mercados financeiros, classifica o País em 51º lugar

Maria Helena Tachinardi
de São Paulo

O Brasil e outros países emergentes, entre eles Chile, Argentina, China, Venezuela, Índia e Colômbia, foram rebaixados no "ranking" da competitividade elaborado pelo Fórum Econômico Mundial (WEF), com sede em Davos, Suíça. O trabalho contou com a colaboração de dois importantes economistas: Jeffrey Sachs, do Centro para o Desenvolvimento Internacional de Harvard, e Michael Porter, da Harvard Business School.

O relatório, publicado hoje, reconhece que algumas das mais dinâmicas economias sofreram sérios revezes nos dois últimos anos, mas o índice de competitividade ressalta a importância de separar as premissas de crescimento de longo prazo dos fatores de curto prazo.

Cingapura é o país mais competitivo do mundo e manteve essa posição desde o ano passado. Os EUA subiram do terceiro para o segundo lugar no "ranking", que mede as perspectivas de crescimento econô-

mico num período de cinco a dez anos e é útil para os investidores estrangeiros avaliarem o grau de atratividade das economias.

Hong Cong estava em segundo lugar em 98 e desceu para a terceira colocação neste ano, no rastro da profunda contração econômica no Leste asiático. Naquela região e na América do Sul, vários países sofreram uma piora em sua classificação: o Brasil caiu do 46º lugar para o 51º; a Argentina desceu do 36º para o 42º; o Chile passou do 18º para o 21º. O México estava em 32ª posição e melhorou um ponto: saltou para o 31º posto. A Malásia também avançou e se encontra em 16ª posição. As nações ricas também tiveram más surpresas neste ano: o Reino Unido, que figurava num confortável 4º lugar, desceu para o oitavo. O Japão caiu da 12ª para a 14ª posição. O Canadá manteve o seu desempenho no 5º lugar e a Suíça subiu do 8º para o 6º.

O relatório do WEF é o segundo desde o início, em julho de 1997, da crise financeira nos mercados emer-

gentes e da desaceleração do crescimento econômico na Ásia. O estudo menciona que Hong Cong e Cingapura preservam altos índices de competitividade porque as suas condições econômicas, essenciais para o crescimento de longo prazo, não se deterioraram dramaticamente.

Desde o relatório de 97, a Indonésia desceu 22 pontos no "ranking", a Tailândia, 12, e a Malásia, sete. A Coreia e Hong Cong declinaram apenas uma posição e Cingapura permaneceu encabeçando a lista dos mais competitivos.

Para avaliar o grau de competitividade dos países, os analistas do WEF levam em consideração critérios como inflação, sofisticação dos mercados financeiros, investimentos privados em infra-estrutura, uso da Internet, transferência de tecnologia, dias de trabalho perdidos devido a conflitos trabalhistas, taxa de desemprego e custos de disputas judiciais.

Entram também no balanço da competitividade critérios como controle de capitais, tarifas e cotas, barreiras disfarçadas à importação, volatilidade das taxas de câmbio, burocracia oficial, evasão fiscal, participação do setor privado no crédito doméstico, taxa de juros, infra-estrutura financeira, estradas, serviço de telefonia internacional, telefones celulares, gastos empresariais com pesquisa e desenvolvimento, sofisticação tecnológica, anos de escolaridade, confiança em políticos honestos, pagamento de propinas e eficiência da força policial. O Brasil teve classificação ruim nos quesitos taxa de matrícula na escola secundária e taxa de juros (57ª posição). De modo geral, o País está em 51º lugar no "ranking". Foi classificado em 53º no quesito abertura, 50º no que se refere a tudo o que envolve o governo, 53º em matéria de finanças, 44º em infra-estrutura, 37º em tecnologia, 29º em administração, 53º em

relações trabalhistas e 41º em instituições.

O documento do WEF também faz projeções sobre o crescimento anual do PIB per capita dos países para um período de oito anos — de 2000 a 2008 —, baseado na experiência do mesmo período anterior. Nesse "ranking", o Brasil aparece em 54º lugar (de uma lista de 59 países), com uma expansão do PIB per capita de 1,69%, atrás do Equador (1,76%), da Argentina (1,92%), do Zimbábue (2,05%), da Bolívia (2,11%), da Costa Rica (2,88%), da Índia (2,96%), do Chile (3,54%), da China (3,59%) e do Peru (3,34%).

Para chegar aos indicadores de crescimento do PIB per capita, o WEF analisou a relação entre o índice de competitividade, os níveis de renda do país e a sua taxa de crescimento. O estudo leva em consideração que as nações mais pobres tendem a crescer mais rapidamente que as mais ricas. Os EUA, contudo,

que são o número 2 no "ranking" da competitividade, aparecem em 5º lugar no índice de crescimento do PIB per capita. Isso porque é um país de alta

renda, explica o relatório.

Outro índice analisado no estudo é o de crescimento de mercado, calculado multiplicando-se a taxa projetada de crescimento pelo tamanho da economia. A norte-americana é tão grande, que facilmente lidera o "ranking". No ano passado, seu tamanho era equivalente a US\$ 8,5 bilhões. Com o crescimento previsto de 4%, a expansão do mercado dos Estados Unidos será de US\$ 346 bilhões ao ano.

Em seguida vêm Japão, Alemanha, Reino Unido, França, China, Canadá, Itália, Espanha, Holanda, Austrália, Índia, México, Taiwan, Coreia, Suíça, Brasil, Suécia, Hong Cong, Argentina, Bélgica, Áustria, Dinamarca, Noruega, Finlândia, Turquia, Cingapura, Tailândia, Polônia e Indonésia, entre outros.

O crescimento anual do PIB per capita nacional é projetado em 1,69%, atrás das previsões para o Equador e o Zimbábue